



A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant'Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-017-9

DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA	
<i>Luma de Oliveira</i>	
<i>João Luiz Leitão Paravidini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819121	
CAPÍTULO 2	12
PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO	
<i>Suzel Alves Goulart</i>	
<i>Cibele Alves Chapadeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819122	
CAPÍTULO 3	25
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL	
<i>Pedro Cardoso Alves</i>	
<i>Ana Lúcia Galinkin</i>	
<i>José Carlos Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819123	
CAPÍTULO 4	44
A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS	
<i>Carolina Leão Giollo</i>	
<i>Ricardo de Queiroz Machado</i>	
<i>Edilei Rodrigues de Lames</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819124	
CAPÍTULO 5	61
ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA	
<i>Magner Miranda de Souza</i>	
<i>Cláudio Educado Resende Alves</i>	
<i>Maria Ignez Costa Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819125	
CAPÍTULO 6	76
REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE	
<i>Rui Maia Diamantino</i>	
<i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>	
<i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819126	
CAPÍTULO 7	97
PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE	
<i>Giulia Ribeiro Limongi</i>	
<i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819127	

CAPÍTULO 8 100

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

Sandra Regina Rocha de Lima
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

DOI 10.22533/at.ed.1791819128

CAPÍTULO 9 124

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Daniel Rangel Curvo
Francinaldo Do Monte Pinto

DOI 10.22533/at.ed.1791819129

CAPÍTULO 10 139

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

Luciana Vieira Caliman
Janaína Mariano César
Victoria Bragatto Rangel Pianca
Alana Araújo Corrêa Simões
Anita Nogueira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.17918191210

CAPÍTULO 11 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

Priscila Moura
Maria Lucia Pereira
Flávia Sallum
Alessandra Viana

DOI 10.22533/at.ed.17918191211

CAPÍTULO 12 159

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos
Gabriel William Lopes
Amailson Sandro de Barros

DOI 10.22533/at.ed.17918191212

CAPÍTULO 13 170

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago
Eduardo Augusto Tomanik

DOI 10.22533/at.ed.17918191213

CAPÍTULO 14 181

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

Maicon Alves Garcia
Aldenor Batista da Silva Junior
Sonia da Cunha Urt

DOI 10.22533/at.ed.17918191214

CAPÍTULO 15..... 196

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

Ricardo André Cecchin

Rosemarie Gartner Tschiedel

DOI 10.22533/at.ed.17918191215

CAPÍTULO 16..... 212

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Iaponira Oliveira dos Santos

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.17918191216

CAPÍTULO 17 224

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira

Marianne Cunha

Saulo Almeida

Vanessa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.17918191217

SOBRE O ORGANIZADOR 232

CAPÍTULO 16

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – RJ

Iaponira Oliveira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - RJ

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), alvo de sucessivos cortes nos seus recursos financeiros nos últimos anos, vive um período de descaso: atrasos dos salários de professores e demais trabalhadores da instituição, bem como do pagamento da bolsa permanência para estudantes cotistas, além de precariedades estruturais que prejudicam suas bases materiais, gerando assim graves problemas no que se refere às suas atividades. Em meio a este cenário, ações organizadas geram o movimento este intitulado *#uerjresiste*, abrangendo diversificadas formas de luta nas redes sociais e em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, pela recuperação e manutenção da Uerj. A presente proposta de trabalho pretende discutir o movimento *#uerjresiste*, seus atravessamentos e efeitos, o compreendendo não como um grupo isolado em uma identidade ou totalidade, mas sim, como expressão de

uma composição múltipla e heterogênea de atores humanos e não-humanos, sem limites definidos e com efeitos até imprevisíveis. Para tal, oferecemos uma narrativa na forma do testemunho das múltiplas afetações registradas em diário de campo que faz jus aos diversos atores, humanos e não-humanos, que dividiram conosco essa experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência; Teoria Ator-rede; Multiplicidade; Política Ontológica.

ABSTRACT: The University of the State of Rio de Janeiro (Uerj), target of successive cuts in its financial resources in recent years, is experiencing a period of neglect: delays in the salaries of teachers and other employees of the institution, as well as the payment of student scholarships as well as structural precariousness that undermines their material bases, thus generating serious problems with regard to their activities. In the midst of this scenario, organized actions generate the movement titled *#uerjresiste*, covering diverse forms of struggle in social networks and in several points of the city of Rio de Janeiro, for the recovery and maintenance of Uerj. The present work proposal intends to discuss the movement as an expression of a multiple and heterogeneous composition of human and non-human actors, with no definite boundaries and with unpredictable effects. To do this, we offer

a narrative in the form of the testimony of the multiple affections recorded in a field diary that lives up to the various human and non-human actors who shared with us this experience.

KEYWORDS: Resistance; Theory Actor-network; Multiplicity; Ontological Policy.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de realizar um testemunho sobre nossa experiência com o movimento *#uerjresiste* nos seus múltiplos efeitos. Após décadas de sucateamento, a Uerj, desde 2014 até o presente momento, sofre o que pode ser um dos períodos mais delicados. Desde o final de 2015 os alunos, alunas, servidores e servidoras da Uerj convivem com cortes de verbas, de projetos de pesquisa, bolsas, vagas de estágio projetos de extensão, além da degradação do espaço físico, constantes greves e atrasos salariais, além de que no ano de 2016, além do não pagamento do 13º salário do ano anterior, os servidores e servidoras da Uerj passaram praticamente quatro meses seguidos sem receber. A narrativa que se segue conta nossa experiência enquanto alunas e aluno do curso de mestrado em psicologia social nesse período de crise, desalento, aprendizado e resistência.

Em meio a este cenário, o movimento *#uerjresiste* surge como uma alternativa ao abatimento através de tática resistência frente aos ataques sofridos. Por meio de ações diversas, seja nas redes sociais e eventos pontuais, o movimento *#uerjresiste*, composto por servidores, servidoras, alunas, alunos e tantos colaboradores de toda a sorte, como será exposto nas linhas que se seguem, manifesta o desejo pela retomada dos investimentos numa educação pública e de qualidade e uma universidade forte pautada nos princípios de ensino, pesquisa e extensão.

Não pretendemos realizar uma descrição, nem um mero relato pessoal, mas narrar um testemunho político e performativo que traz uma nova versão para o que consiste o movimento *#uerjresiste*. Para tal, compreendendo o campo como um território de afetações (DESPRET, 2011), nosso texto abrange nossa vivência de uma das atividades do coletivo *#uerjresiste* nos atravessamentos que compõem nossos corpos de pesquisadoras e participantes. Com efeito, nosso texto exprime a materialidade de uma narrativa que explicita as condições de feitura da composição de uma versão do movimento *#uerjresiste* que, do contrário de um grupo identificado em sua totalidade, manifesta um coletivo diverso e heterógeno, sem limites definidos e com efeitos igualmente múltiplos e, até, imprevisíveis.

Inspirados nas possibilidades metodológicas da Teoria Ator-rede (TAR), o testemunho do coletivo vivenciado no campo conta dos nossos encontros com os com os atores que, em seus agenciamentos, compõem nossa experiência (local e situada) do coletivo *#uerjresiste*. Atores como o nosso aprendizado na trajetória pela Uerj, os encontros potentes com novas amigas, o movimento *#uerjresiste*, o admirável

compromisso das professoras, profissionais e alunas que, mesmo sem condições, mantém a universidade viva, além de outros tantos encontros que pudemos construir no trabalho que pretendemos expor nas linhas que se seguem.

A teoria Ator-Rede, desenvolvida por Bruno Latour, John Law entre outros pensadores, apresenta uma proposta diferenciada, com relação às perspectivas mais tradicionais, para a produção científica. Moraes e Arendt (2013) explicam que a teoria Ator-Rede (TAR) se situa no vasto campo dos estudos da ciência, tecnologia e sociedade (estudos CTS), pensando a produção científica voltada para as práticas cotidianas. Para a TAR, a ciência não deve ser dissociada da tecnologia e da sociedade, mas, por outro lado, deve ser realizada onde estes domínios sejam coproduzidos e entrelaçados.

À luz dessa perspectiva de se fazer ciência, tomamos a vivência de um dos eventos do coletivo *#uerjresiste* como um disparador, sendo este, especificamente, a aula pública realizada no Palácio da Guanabara, em Abril de 2017. Este evento, o que nele vivenciamos e as reflexões produzidas a partir de tal experiência, consistem no que tomamos como campo. Dos efeitos desta experiência, confeccionamos diários de campo, que, somado a novas camadas de debates, compõe o presente texto. Nossa escrita concorre ao risco de pretender-se interessante e performativa dentro de uma versão da ciência que, ao produzir o campo em sua multiplicidade, dá voz a outros atores, compondo novas políticas de (res)existência (LAOTOUR, 2007; MORAES 2010).

Aula pública em questão faz parte das muitas ações organizadas por professoras, alunas, trabalhadoras, com o objetivo de reivindicar os investimentos cabidos e manter a instituição viva diante do descaso do Estado e de parte da sociedade. Tais ações são organizadas pelo movimento chamado *#uerjresiste*.

A teoria Ator-Rede, como escreve Law (1992), defende o social como uma rede de heterogêneas associações que trata os agentes, organizações e máquinas, como efeitos interativos, não entidades reificadas e naturalizadas. A Teoria Ator-Rede, como aponta o autor supracitado, apaga as tradicionais divisões analíticas entre ciência e cultura, agenciamento e estrutura, entre macro e micro social ao propor tratar diferentes materiais, como pessoas, ideias, textos, coisas, como efeitos interativos, não como causas primitivas.

Latour (2012) explica que do contrário de uma “sociologia do social”, que se vale das macroestruturas para explicar o social, a Teoria Ator-rede (TAR), que também pode ser conhecida como sociologia da tradução, ou “associologia” (LATOUR, 2012, pag. 27), se ocuparia do capilar, dos ínfimos e heterogêneos processos, rastreando seus pontos de ligação e seus efeitos. “Seguir os atores”, bordão mais conhecido da TAR, exprime bem a tarefa de delinear associações (jamais falando pelos atores), cartografando seus percursos e transformações. Como afirma (QUADROS, 2015, pag, 1187), tal tarefa de seguir os atores, proposta por Latour, não significa que o pesquisador vá se perder de seu propósito ou que seja simplesmente capturado pela

rede, mas sim, implica na disponibilidade do pesquisador em movimentar-se na rede, permitindo ser afetado pelas conexões produzidas por ela.

A proposta da TAR tem a noção de rede como um conceito fundamental. A rede é afirmada como uma ontologia da geometria variável, ou, em outras palavras, uma rede se faz por mediadores, e não por intermediários. A rede pode ser entendida como um coletivo de associações heterogêneas entre atores humanos e não-humanos, como uma trama traçada pelos vínculos entre os atores. Com efeito, ator são híbridos, heterogêneos. Um ator, como escreve Latour (2012), é aquilo que é levado a agir, que se define pelos seus efeitos. Como bem ressalta Arendt:

Nesta abordagem o ator não **age** simplesmente. É levado a agir tendo em vista a rede de relações em que está envolvido, sem ser agido por ela. (...) Esta rede, diz Latour, 'faz-fazer'. (...) O ator **instaura** um modo de ser tendo em vista a rede (Arendt, 2007, p.281, grifos no original).

Uma rede de atores, portanto, como nos lembra Moraes (2004), não é redutível a um único ator, nem a uma única rede; ela é composta por uma série de objetos heterogêneos (humanos e não-humanos) conectados. Logo, “uma rede é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede, capaz de redefinir e transformar seus componentes” (CALLON 1986, pag. 93 apud MORAES, 2004, pag. 323). Assim, pode-se dizer que por rede podemos entender uma ação recíproca (nunca um contexto ou uma estrutura), sendo que o mais importante é acompanhar os efeitos dessa ação, os múltiplos deslocamentos que ela produz, faz; os custos das translações.

2 | O CAMPO: COLETIVO #UERJRESISTE

Ao chegar no Palácio da Guanabara, local onde foi realizado a aula pública, notamos, de início, uma tímida aglomeração, bem aquém das nossas expectativas. A pouca quantidade de pessoas e a ausência de faixas e cartazes, tão comuns em manifestações, nos fizeram questionar se realmente estaríamos no lugar certo e no horário devido. Ao avistarmos nossos colegas a dúvida cessou, logo substituída pela vontade de nos misturarmos ao que ali acontecia. Mal imaginávamos, ainda nesse início, que o movimento *#uerjresiste* já nos compunha, e já era por nós compostos, desde outros encontros, tanto no presente, quanto em memória, como abordaremos adiante.

Encontramos nossa Professora que incentiva a “densidade” no campo, intensifica nossas sensibilidades às seguintes questões: onde o campo começa? Por onde ele trilha? Onde termina? A proposta/intervenção da Professora nos fez sensível a aprendermos a sermos afetados aos diversos atravessamentos que iam compondo o campo na medida em que nos deslocávamos nessa corpografia.

O trânsito mais confuso, a viatura policial poucos centímetros mais a frente do que de costume, a truculência dos policiais militares ao fecharem as grades que cercam o Palácio da Guanabara, carros que aceleram quando nos veem. Todos atravessamentos que, mesmo fazendo oposição ao *#uerjresiste*, também estavam presentes, nos afetando e deixando rastros na medida que faziam diferença naquele cenário.

Uma análise apressada não tardaria por concluir que uma manifestação contra o estado geraria, necessariamente, uma resposta do mesmo, como a truculência dos policiais e a disponibilização das viaturas. No entanto, na linha de argumentação que sustentamos aqui, poderíamos questionar se o movimento *#uerjresiste*, ao invés de ser um todo com identidade marcada e inimigos definidos, não estaria presente em cada gesto, em cada detalhe como estes mencionados, que, na condição de agentes, de mediadores, compõe o próprio movimento para além de limites pré-estabelecidos.

Essas reflexões nos levaram à emergência da nossa controvérsia: Quem é o Uerj Resiste? Para Latour (2012) as controvérsias são conflitos que surgem de relações heterogêneas em que não há consenso entre os atores, deixando de existir, quando volta a haver concordância entre eles e as questões se estabilizam, tornando-se novamente caixas pretas, que na perspectiva da TAR, se referem a temas já consolidados. Quando reabrimos as caixas pretas, as controvérsias voltam então a existir, evidenciando as associações entre os atores.

Quem é Uerj Resiste? Essa questão nos colocou diante de atores heterogêneos, que em suas associações provisórias, se vinculam e se desvinculam, daí surgindo as controvérsias. Latour (2012) afirma que é preciso seguir tais atores em seus movimentos irregulares, os descrevendo e não os explicando.

O cuidado metodológico da TAR de estar atento para as condições de feitura do campo, expressa a proposta da TAR de fazer ciência lentamente. Escrever um diário de campo, pois, é fazer-se atento aos afetos que se colocam presentes no campo, ao corpo que ia sendo criado. Se ter um corpo é aprender a ser afetado por entidades humanas e não-humanas, como coloca Latour (2007), nosso corpo se propunha a ser sensível ao campo, se envolvendo nas afetações que fossem disparadas. Quanto mais o corpo aprende a ser afetado, mais sensível ele se torna às nuances e variações do meio. Construindo o corpo, construiremos o campo a ser apreendido e ocupado por ele.

Para o exercício da escrita do presente texto, que foi feito por nós de forma bem lenta, as falas por sua vez não tardaram, cruzadas e apressadas, passamos aulas e encontros falando intensamente. Foi dessa forma, no laboratório, no exercício dos testes de torções para a melhor descrição do campo, para a melhor narrativa que dê voz a todos os atores, que notamos que nosso campo se iniciara antes da aula pública em questão, quando percebemos que levávamos conosco para o cenário da aula pública vários outros atravessamentos que já nos afetavam, nossa participação no cenário de lutas da “primavera brasileira de 2013”, memórias de tempos progressos

que inscrevem a nossa identidade como integrados àquela resistência como alunas da Uerj, o do impacto do primeiro dia de aula da disciplina em questão, onde tivemos o contato direto com a situação de dificuldade e resistência que a Uerj atravessa, e se encerra bem depois da experiência da aula em questão, nas conversas e encontros na Uerj, em dias posteriores e as muitas discussões que envolveram a própria escrita deste texto. Atravessamentos estes que juntamente com diversos outros atores, estavam presentes no campo e iam compondo este coletivo.

Vale mencionar, que campo, para a TAR, do contrário de um lugar delimitado espaço e temporalmente, é compreendido como uma proposição articulada (Latour, 2007), um coletivo que gera e produz efeitos, como uma região de afetações (Despret, 2011). Dessa forma, fomos compondo o coletivo em questão através de que fomos aprendendo a sermos afetados pelos diversos articuladores humanos e não-humanos no percurso do exercício da escrita do presente texto.

Em 2013, nas grandes manifestações, era comum a revista, por parte da polícia, de objetos pessoais na intenção de encontrar armas e objetos do gênero. Essa memória nos levou a preocupação do que levar para a aula pública. Seria seguro ir de mochila? O impacto do primeiro dia de aula foi também marcante. Para começar houve um atraso, pois, a chave da sala estava perdida, sem a presença dos funcionários os professores se revezavam na troca das chaves que nessa ocasião, acabou se perdendo. Improvisamos então a aula na sala de supervisão da professora Alexandra, que por conta dos atrasos de verba estava sem a manutenção de lâmpadas e etc. Ao começar a aula, nos apresentamos e ela nos fez atentas aos atrasos de salários e bolsas e o impacto desse descaso na vida dos profissionais e alunos.

Nos diálogos que se seguiram após a experiência da aula pública, para a confecção do diário com o objetivo da construção desse texto, foi possível verificar através das memórias relatadas entre nós, que a Uerj sempre possuiu a característica de abrigar diferentes lutas, diferentes grupos de resistências, onde sempre foi possível encontrar espaço de acolhimento para muitas frentes, também sempre foi possível acontecer diferentes ações, ocorrendo simultaneamente, organizadas por diferentes grupos e dentro ou não das instalações físicas da Uerj. A Uerj também foi pioneira a aderir o sistema de cotas para universidades públicas, afirmando as lutas de minorias e abrindo espaço para a diversidade na universidade, colocando-se na contra-mão do silenciamento e da não representação de uma sociedade que é múltipla, em um país construído entre os pilares da exclusão e da perpetuação de diversos tipos de preconceitos. A Uerj tem resistido a tempos, nos enfrentamentos e na afirmação dos diferentes modos de existir no estado do Rio de Janeiro, abrigando mutuamente muitas resistências, que na atual configuração estatal tem se constituído *#uerjresiste*.

Próximo às 11 horas da manhã, na aula pública, povoada, inclusive, por toda essa massa de memórias, curiosidades, medos etc., uma grande aglomeração se forma, a aula estava próxima. Dentre outros presentes no ato da aula, estavam professores (muitos destes pertencentes ao núcleo de representação dos docentes, os “líderes” do

#uerjresiste), servidores, alunos dos cursos de pós-graduação, graduação e futuras alunas da graduação, que ainda nem se matricularam mas já se descreviam como parte da Uerj (Resiste).

Adesivos, atores também presentes, eram distribuídos por pessoas uniformizadas: “Mentira tem pé grande. Uerj Resiste”. Uma forte emoção vem à tona. Novamente numa análise que se presta a acompanhar o deslocamento promovido por cada ator, que não acompanha “o custo das translações” (LATOOUR 2012), poderia admitir um simples adesivo como um intermediário que teria sua função dada por um contexto. A passos de formiga, podemos nos sentir afetados pelo adesivo, que trouxe importantes memórias: ao longo do nosso tempo de Uerj, é comum um sentimento de pertencimento a instituição por parte dos alunos, servidores e professores. Um atravessamento que (re) escreve as narrativas biográficas, possibilitando sentimentos do tipo “orgulho de ser Uerj” (como ficaria evidente na fala de uma das professoras que palestrou na aula pública), que veio à tona com o adesivo. Neste momento, já não mais nos perguntávamos como adentrar ao movimento, mas nos damos conta que já habitávamos essa mistura. A mochila, que antes era preocupação, que serviu, no momento da chegada como escudo, com o adesivo vai para as costas; já estamos a vontade neste espaço ao qual pertencemos.

A caixa de som, um amplificador portátil de baixa potência, usado para amplificar a fala dos palestrantes, dificultou escutar a aula. A baixa potência contribuiu para que se circulasse, observando a aula e o que os outros participantes faziam: alguns preferiram se aglomerar para ouvir mais de perto, e rapidamente uma faixa da pista fora tomada (agora sim com faixas, panfletos e energia), outros aderiram àqueles que distribuía panfletos à população e outros ainda cuidavam dos demais, nos alertando dos perigos do trânsito.

O primeiro palestrante começa com a crítica ao modelo de universidade de mercado, resultantes do projeto neoliberal de privatização do ensino, como acontece no Chile, por exemplo, e defende a necessidade de uma universidade pública que se baseia no projeto pedagógico/político da Pesquisa-Formação-Extensão como modelo de qualidade e pensamento crítico.

Participantes diversos se somam, como os motoristas e transeuntes que no coro “fora peção” contribuiriam com a narrativa da aula pública, acrescentando parênteses no texto dos palestrantes. Fica perceptível como as vozes dessas pessoas afetam e são afetadas pelo discursos dos professores que proferiam a aula. Numa crescente de empolgação, o primeiro palestrante, que exaltava as lutas históricas por uma educação pública e de qualidade, cita Marilena Chauí (que em visita recente a Uerj brindou o movimento com ricas palavras retomadas nesse momento), e dois mortos que, como escreve Despret (2011), se fazem presentes emprestando sua herança ao corpo *#uerjresiste*: Paulo Freire e Fidel Castro.

O professor termina sua fala com o alerta de que a luta do Uerj Resiste não é apenas para a retomada dos salários e investimentos básicos na Uerj, mas sim por

uma educação pública e de qualidade.

A segunda palestrante, professora do Cap-Uerj, trouxe futuras alunas que, mesmo diante da imprevisibilidade da solução dos problemas da Uerj, resistem aos abutres das universidades particulares (que oferecem bolsas de estudos aos que realizam transferências). A palestrante, juntamente com servidoras e as alunas, encenaram uma apresentação que narrou as dificuldades que as alunas, professores e servidores atravessam.

Um breve teatro sensibilizou a todos diante da coragem dessas futuras alunas, ao bancarem para a sociedade e suas famílias sua vontade de ingressar na Uerj, independente do tempo de espera ou de qualquer outra coisa. A intervenção comoveu até um dos Policiais que fazia a guarda do Palácio, que não tirou os olhos da apresentação. Esse movimento nos fez refletir sobre as diversas formas de se contar uma história e seus efeitos. Moraes et.all (2014), ao escreverem sobre o corpo, testemunho e suas relações no campo de pesquisa, explicam que testemunhos podem disparar momentos de experimentação corporal. Nesse movimento, a multiplicidade que estamos tentando mostrar se faz visível na incorporação do guarda do palácio, que passa a agregar o *#uerjresiste* de uma forma bem diferente do início da aula pública. O que antes era agressão, a partir do dispositivo aula pública, se torna um olhar atencioso e curioso.

A terceira palestrante, professora da Faetec, num discurso muito emocionado e também emocionante, fala do orgulho de Ser Uerj e da importância do Projeto de educação inclusiva que a Uerj é a pioneira e a maior representante. Ela conta a sua passagem pela instituição e de como se tornou não só a primeira formada em nível superior da história da sua família, mas uma das poucas Doutoradas negras do Brasil. Ela diz que “nenhum cotista deve ter vergonha de ser cotista, pelo contrário, ser cotista é o orgulho da afirmação de uma luta”. A professora lembra o sacrifício da sua família e de todo movimento negro que através da história trilharam as possibilidades para que hoje exista uma política de inclusão no ensino superior.

Evocar tal memória, da mesma forma que as nossas memórias de tempos progressos na Uerj, como escrevem as autoras citadas acima, falam de uma afetação que modifica o corpo que se faz quando estas são resgatadas. São heranças, como escreve Despret (2011), que nos possibilitam novos vetores para performarmos novas versões; a *#uerjresiste* sendo porta voz de toda a saga da luta do movimento negro através dos séculos. Trazer essa história à tona, reescrita como resistência e luta de uma universidade através de uma política de inclusão educacional, permite testemunhar, levar a diante a história de outros que ao se conectar com a presente narrativa agregam mais elementos para este corpo, além do reviver e ressignificar dessas memórias.

Diante do exposto, a proposta da produção de um diário de campo sobre uma aula pública, trouxe desafios que nos deslocaram em direção a viver o campo, viver o campo de outra forma, que não a tradicional, do campo como objeto de estudo

para um observador neutro. Estes desafios se mostram de várias formas: na forma de abordar o campo e a nós mesmos no campo, dos limites porosos do campo no tempo e no espaço, que nos levaram para muito além da aula no Palácio da Guanabara e também na forma de compreender a prática da escrita como um laboratório.

O campo, para a TAR, lembrando mais uma vez, não é dissociado de quem o experiencia. O campo não é um lugar específico de onde pode-se entrar e sair, mas sim um espaço de afetação. Para Latour (2007), ser afetado significa ser movido, ser colocado em movimento por outras entidades humanas e não-humanas. É uma aprendizagem na qual aquele que não se envolve, torna-se insensível, mudo, morto.

A partir desse questionamento, percebemos que é profunda a relação daquele que está no campo com o próprio campo e a importância de sua implicação no e com este espaço de afetação, cartografando o que nele se fizer presente e ao mesmo tempo, também o preenchendo com aquilo que traz em si mesmo. De acordo com a ideia de campo como espaço de afetações (DESPRET, 2011), o campo não se constitui em um lugar específico e sim, encontra-se na situação atual de um assunto, que quando explorado, faz com que o pesquisador também forme parte desta situação. Para além, campo também está para uma região de intensidades, de estranhamento, de incorporação, onde o não familiar, o que nos desloca, o que nos faz-fazer, nos modifica e deixa os rastros dos seus efeitos.

Os desafios da proposta de produzir um diário nos lançaram a campo, levando conosco a premissa de que a escrita, como afirma Tsalis (et al, 2016), será um instrumento que possibilita explicitar as condições de feitura do trabalho de campo, mantendo o campo vivo, sem que nos distanciemos dele. Assim, mesmo nos momentos que não foi possível ouvir o que era dito nas palestras, ficando um pouco atrás, o que se dizia vinha como por ondas. A fala das pessoas reverberava outras falas e essas eram possíveis ouvir e participar, e a questão do campo *#uerjresiste* e ia sendo respondida ao ouvir outras pessoas, professoras, alunas, funcionárias, pedestres, motoristas, policiais, adesivos, mochilas, mortos, todos diretamente ligados aos acontecimentos na Uerj.

Já para produzir essa escrita foi necessário alguns testes, com as diferentes afetações produzidas individualmente sendo respeitadas para que se chegasse ao mais próximo do que foi visto pelo grupo, ou seja, um texto escrito a muitas mãos e diferentes incorporações para o mesmo objeto. Para que se tornasse uníssono na junção de muitas vozes foi preciso ser lapidado muitas vezes para criar uma nova versão que comportasse uma mistura.

Formar um corpo é aprender a ser afetado. Compor um corpo (LATOURE, 2007) é estar sensível a tudo o que faz diferença, a tudo que tem agência no campo, ao que faz fazer. Acreditamos que a produção do diário de campo é a composição de um corpo, composição que é feita não apenas do que aconteceu no campo, o que deveria ser observado e descrito por um analista neutro, mas sim tomando-se o campo como uma composição heterogênea de atores humanos e não humanos que não comporta

a assimetria de sujeito e objeto. Dessa forma, descrever o campo é agregar um corpo que também é feito de memórias, marcas, medos, impressões, e tantos atores diversos...

Assim também é possível pensar nesse estar presente através da escuta da aula pública pelas vozes das pessoas a frente, estar no campo requer um corpo do pesquisador, onde não se deve eleger um sentido para construir as percepções acerca do campo.

Ainda sobre o campo, dois diálogos com professoras na aula pública e a observação das lutas no campus da UERJ, no dia seguinte a aula pública, são ilustrativos dessa multiplicidade do *#uerjresiste*.

Conversamos com duas professoras, a primeira é colega do departamento de psicologia, a segunda é professora do instituto de educação. A colega psicóloga atualiza sobre os bastidores recentes do *#uerjresiste*. Explica que, na visão dela, muito das alunas da graduação estão ausentes das mobilizações por não estarem no dia-a-dia da luta e por não terem meios para custear os deslocamentos (visto que, na avaliação dela, na psicologia por volta de 60% das alunas dependem da bolsa de auxílio para frequentar a universidade; bolsa esta que não é depositada desde o final do ano passado). Lembra também que uma reunião do corpo discente aconteceria no dia seguinte (dia 12 de abril de 2017 uma quarta-feira), e que as alunas têm um calendário de lutas próprio, aliado ao movimento estudantil (heterogêneo em suas pautas, vide, por exemplo, o antagonismo de interesses dentre as alunas de engenharia e serviço social). Terminada a breve conversa uma crítica que a colega psicóloga faz ao próprio momento da volta as aulas e da postura das professoras, nas palavras dela: “ninguém está entendendo esse retorno, sem salário, sem nenhuma condição, e essas professoras nem para votar a greve votam” (referindo-se a expectativa da assembleia docente votar pela não entrada em greve, como acabou se acontecendo).

A breve conversa com a professora da educação revelou outra interpretação dos bastidores do *#uerjresiste*: para ela, a reitoria e a representação do corpo docente “já tentaram de tudo” para resolver a crise na UERJ: interromperam as atividades, dialogaram com o estado, recorreram a mídia, buscaram apoio nas outras universidades públicas e em intelectuais renomados e nada fora efetivo. Como novos recursos decidiram pelas aulas Públicas no Palácio da Guanabara e a volta às aulas, na expectativa de que presença das alunas inspire novas formas de luta. Ela explicou que diante da falta de negociações e horizonte de mudanças é necessário resistir, e “se for necessário voltar para o início, o que não podemos é parar de lutar”[sic].

No mesmo dia, daquele abril, em breve caminhada pelo campus da UERJ notamos, como explicitamos anteriormente, que nosso campo ainda não tinha se encerrado. Notamos, nesse dia, houve uma circulação maior de pessoas comparado aos dias anteriores. Subindo os andares pelas rampas, visto que a maioria dos elevadores estavam parados, notamos, alunas da engenharia, com grandes copos de cerveja, aplicando trote nas novas calouras. Alguns andares acima, alunas de pedagogia

realizavam uma plenária de discussão sobre o modelo de educação que a UERJ, como universidade pública, deve aplicar. Acrescentando ao que viemos até agora discutindo, não vemos essas duas manifestações sob uma ótica que desvalorizaria os eventos como um movimento vazio no primeiro caso, e político no segundo. Preferimos, via multiplicidade, entender as diversas formas de ocupar a UERJ neste delicado momento como formas de resistência. Resistência múltipla em suas manifestações, objetivos, causas e efeitos.

Para Annemarie Mol (1999) traduzida por Nunes (2007) a “multiplicidade implica que embora as realidades possam ocasionalmente colidir umas com as outras, noutras alturas as várias performances de um objecto podem colaborar e mesmo depender umas das outras” (NUNES, 2007). Neste caso a *#uerjresiste* pode ser a experiência de uma multiplicidade onde uma realidade pode colaborar e depender umas das outras, diferente do pluralismo. Não é como se houvesse resistências separadas, neste caso todas elas mesmo sendo em locais diferentes, com atores diferentes, em tempos cronologicamente distintos, constitui a *#uerjresiste*. As resistências não apenas resistem lado a lado, mas atravessam umas às outras, e quem pode decidir a realidade a ser narrada são os atores em questão, que são ativos e trilham caminhos a serem percorridos.

A confecção do diário de campo, portanto, reverberou as posições contrárias das professoras, os alunos que passaram no vestibular, mas que ainda não se matricularam, a preocupação em ir para a aula pública de mochila ou não, a caixa amplificadora a qual os professores ministravam a aula no Palácio da Guanabara, o adesivo dado pelo professor na aula pública que causou grande emoção, entre outros atores, que a partir de cada um deles poderia ser trilhado uma narrativa sobre a *#uerjresiste*.

Portanto, o que está em jogo na proposta de narra o coletivo *#uerjresiste* dando voz aos diversos atores que compõe esse corpo e que se expande em fronteiras difusas agregando e afetando e sendo, até, imprevisível em seus efeitos, é uma questão política: trata-se de tomarmos uma posição em relação a maneira como povoamos o mundo com as práticas que fazemos. Citando novamente Moraes et al. (2014), a narrativa que da forma ao nosso diário é como um mosaico, um corpo. Logo, essa composição são ações que fazem parte da realidade que performamos em nossa pesquisa; uma política ontológica (MOL, 2007).

REFERÊNCIAS:

- ARENDR, R. “**Emoções e mídia**”. In: JACÓ VILELA, A. & SATO, L (Org). Diálogos em Psicologia Social. Porto Alegre: Evangraf, p. 275-285, 2007.
- CALLON, M. **Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis**. Em W. Bijker et alii (ed). The social construction of technological systems. New directions in the sociology and history of technology. Cambridge, Mass., Mit Press, pp 83-103 apud MORAES, M. **A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas**. História, Ciências, Saúde [Rio de Janeiro]; vol 11(2): 321-33, maio-ago. 2004.
- DESPRET, V. **Acabando com o luto, pensando com os mortos**. Revista de Psicologia, v. 23 – n. 1, p. 73-82, Jan./Abr. 2011.
- LATOUR, B. **Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006
- LATOUR, B (2007). **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência**. In J. A. Nunes & R. Roque (org.). Objetos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência (pp. 39-61). Porto: Afrontamento.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução a teoria ator rede**. São Paulo: USC, 2012.
- LAW, J. **Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade**. Trad., Fernando Manso. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br>. Acesso em: 19 de jun. 2017. 1992.
- MOLA, A. **Política ontológica**. Algumas ideias e várias perguntas¹, Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo (org.) (2007/no prelo) Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento. Tradução de Gonçalo Praça. A versão editada pode ter pequenas alterações. Publicado originalmente como “Ontological Politics. A Word and some questions”, in Law, John e Hassard, John (org.) (1999) Actor Network Theory and After, Blackwell/The Sociological Review.
- MORAES, M. **A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas**. História, Ciências, Saúde [Rio de Janeiro]; vol 11(2): 321-33, maio-ago. 2004.
- MORAES, M; ARENDR. R. **Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social**. Psicol. estud. vol.18 no.2 Maringá Apr./June 2013
- MORAES, M., Alves, C. A., Oliveira, J. C. S., Mignon, L. R., Paula, L. P., Moutinho, T. V., Cunha, T. R. O., & Cavalcante, T. J. B. (2014). **Corpo, memória e testemunho: Cheiros que deixam marcas**. In E. T. Prestrelo & L. C. T. Quadros (orgs.). O tempo e a Escuta da Vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas (pp. 51-73). Rio de Janeiro: Quartet.
- QUADROS, L. C. T. **Uma Trama Tecida com muitos fios: o pesquisar como processo artesanal na Teoria Ator-Rede**. Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro v. 15 n. p. 1181-1200. 2015 de Janeiro v. 15 n. p. 1181-1200. 2015 Janeiro v. 15 n. p. 1181-1200. 2015

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-017-9

